

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo, Brasiliense, 1981. 83 p. (Primeiros passos, n. 36)

Pensar a questão cultural brasileira na década de 80 é pensá-la democraticamente. Para tanto, é preciso aprender a conviver com a sua dimensão real e objetiva, reconhecendo a heterogeneidade dos elementos que a informam. É apreender essa diversidade como produto de homens concretos que se relacionam em sociedade. É fundamentalmente conhecer os processos que atuam dialeticamente na composição de nossa dinâmica sócio-cultural. É, em suma, descobrir a realidade brasileira que, como já dizia Aloísio Magalhães, "contém riquezas que ainda permanecem desconhecidas e como que protegidas por um imenso tapete que as encobre e abafa". Descobri-las constitui, sem dúvida, o grande desafio que se coloca tanto para o Estado, como para a sociedade civil, no Brasil da abertura política.

Ao propor que se projete o foco de atenção sobre "o que as culturas efetivamente são, ou melhor, sobre como elas são produzidas, sobre os processos através dos quais elas se constituem e o que elas expressam", o Prof. de Antropologia Antonio A. Arantes, da UNICAMP, contribui decididamente, com esse seu novo livro, para a superação desse desafio. Como antropólogo, é na Antropologia Social que vai encontrar os elementos teóricos que orientam sua análise. Como investigador social, é nas pesquisas sobre o modo de vida e a produção artística das classes trabalhadoras, a que se tem dedicado em especial, que constrói a base empírica de sua reflexão sobre a cultura em geral, e sobre a cultura popular em

Ci. & Tróp., Recife, 11(1): 125-148, jan./jun., 1983

específico. Da união dessas duas perspectivas, que são, aliás, inseparáveis, consegue transmitir, em linguagem clara e acessível, a realidade cultural em sua dinâmica e pluralidade, fornecendo, a partir da observação de situações concretas, elementos indispensáveis à compreensão do atual processo cultural brasileiro.

O livro está dividido em três capítulos, correspondentes aos três estágios mediante os quais se desenvolve a análise. No primeiro capítulo, detém-se Arantes no exame da multiplicidade de significados com que se reveste, entre nós, a expressão "cultura popular". De um não-saber ao papel de resistência contra a dominação de classe, o conhecimento dessa realidade cultural é dificultado face a uma pluralidade anárquica de significações e manipulações as mais diversas. Sistematizando a sua análise, direciona-a para as concepções que são predominantes em sociedades estratificadas como a nossa, retomando a questão da resistência do "popular" à dominação de classe ao examinar, no terceiro capítulo, a cultura popular em sua vertente política. Para o autor, duas são as concepções predominantes: a) "Cultura popular" por contraste ao termo genérico "cultura", onde a primeira aparece como um não-saber, o que significa dizer que o "povo não tem cultura". b) "Cultura popular" como suporte de uma idealização romântica da tradição, isto é, como um conjunto de elementos tradicionais que teimam em resistir a um processo de decadência, o que significa dizer que "a cultura popular são as nossas tradições". Esta concepção, segundo Arantes, tenta resolver, sem sucesso, o seguinte paradoxo: conquanto o "popular" não seja considerado "cultura", é através de fragmentos de "coisas populares" que se procura expressar, entre nós, a identidade nacional.

Procurando demonstrar o caráter manipulatório dessas concepções, realiza o autor, no segundo capítulo, uma digressão sobre o conceito antropológico de cultura. Este é o ponto alto do livro e que orienta toda a análise. Valendo-se da contribuição de Lévi-Strauss, Malinowski e Leach, concebe que "interpretar o significado das culturas implica em reconstituir, em sua totalidade, o modo como os grupos se representam as relações sociais que os definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas suas relações com os outros grupos e com a natureza, nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo". É esta perspectiva que possibilita recuperar a "noção de que, mesmo em sociedades relativamente homogêneas, os sistemas culturais comportam incoerências". Estas incoerências, que atestam a heterogeneidade cultural, sofrem, nas sociedades politicamente centralizadas, um processo de homogeneização, que, segundo Arantes, procura criar, através de mecanismos institucionais, "a ilusão de homogeneidade sobre um corpo social que, na realidade, é diferenciado".

A originalidade de sua análise, contudo, está quando defende a existência, na base da sociedade, de uma heterogeneidade real que é resistente a esses mecanismos culturalmente homogeneizadores, seja porque a interpretação dife-

rente de um mesmo conjunto de símbolos reproduz "metaforicamente as diferenças que realmente existem e continuam sendo objetivamente reproduzidas", seja porque "a partir da interpretação de um mesmo material simbólico (portanto, no interior de um campo cultural relativamente homogêneo), recriam-se formas de sociabilidade, modos de organização e expressam-se interesses que podem se contrapor aos padrões e interesses dominantes".

A partir dessas reflexões, onde a questão cultural se articula com o político, isto é, com o universo das relações entre grupos sociais, a análise desenvolvida por Arantes penetra na realidade brasileira, detectando, na dimensão política do *popular*, a questão da participação. E isto ele o faz através do exame de duas situações concretas. A primeira, ao se transportar ao Museu do Ipiranga, numa tarde de domingo, quando constata que a maior parte de seus visitantes prefere "a sombra fresca das árvores e o aconchego dos arbustos", transformando o jardim em "agradável e descontraído parque de esportes e diversões", em vez de apreciar "os objetos e fragmentos que ele abriga". Para Arantes, dá-se, dessa forma, a "apropriação popular dos espaços sagrados", pois o povo, mesmo tendo conhecimento do seu significado oficial, transforma simbolicamente aquele espaço cultural, "redefinindo as funções dos equipamentos existentes segundo as suas próprias necessidades e concepções". A segunda situação concreta examinada pelo autor diz respeito a uma pesquisa por ele realizada em um bairro operário da periferia da cidade de São Paulo, na qual buscou apreender, através de uma análise sobre a trajetória da produção cultural do segmento identificado pelos próprios moradores como *artísticos e populares*, a realidade da dinâmica cultural desse grupo social, detectando, através do exame da política local, os constrangimentos que dificultaram ou tentaram impedir, nesses últimos 50 anos, a articulação efetiva de suas manifestações culturais. Continuando sua análise, identifica a superação desses obstáculos com a criação, pelos produtores culturais locais, de espaços alternativos fragmentários e dispersos, onde "pequenos grupos de vizinhos, amigos e parentes, companheiros de trabalho, de igreja ou de partido desenvolvem as suas formas de expressão, a partir de suas maneiras de pensar, de agir, de fazer e, sobretudo, de organizar conjuntos de relações capazes de tornar viáveis, política e materialmente, as suas atividades".

Deslocando a análise do nível do objeto ou produto cultural para o nível do "fazer" que lhes é subjacente, consegue Arantes, dessa forma, penetrar na realidade da dinâmica do processo cultural brasileiro, e de qualquer outro. Dentro dessa perspectiva, diz, talvez se compreenda que as manifestações culturais fazem parte de uma luta constante pela constituição da identidade social. Nesse sentido, conclui, "fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é construir, com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares, e concretas, o que é mais abstrato e geral

num grupo humano, ou seja, a sua organização, o que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade”.

Este é, para o Prof. Antonio A. Arantes, o sentido mais profundo da cultura popular ou de outra. Espera-se que o seja, também, de todos os que se preocupam, atualmente, com a cultura brasileira e a consolidação do regime democrático neste país.

Affonso Cezar B. F. Pereira

Fundação Joaquim Nabuco